

A IDENTIDADE PROFISSIONAL DO PROFESSOR ENFERMEIRO

Débora Furlanetto – FACVEST

Eixo Temático: Formação e valorização dos profissionais da educação

RESUMO

O trabalho traz a fundamentação teórica de uma dissertação em desenvolvimento junto ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Planalto Catarinense. O estudo investiga a formação pedagógica do professor enfermeiro tendo em vista os desafios da articulação de duas práticas profissionais: docência e enfermagem. Observando a forma inadequada do trabalho pedagógico fundado no modo de transmissão de conhecimentos realizada por alguns enfermeiros, devido à falta de preparo didático e a própria compreensão de que docência não é um simples ato de ministrar aulas, observa-se a necessidade de aprimorar a qualidade na docência com destaque à compreensão da identidade profissional “professor enfermeiro”. Nos últimos tempos, o enfermeiro vem buscando cada vez mais a docência, unindo seu conhecimento prático assistencial à sua carreira de professor. Neste sentido, as escolas de enfermagem já deram início a uma reflexão crítica sobre seu próprio trabalho mostrando sua preocupação com a qualidade do ensino que oferecem. O enfermeiro no desempenho de suas funções vai além do simples cuidar de sinais e sintomas, mas caminha na direção de identificar problemas, assistir o cliente na sua corporeidade, avaliar a assistência prestada e garantir a eficácia do trabalho. Considerando o contingente cada vez maior de enfermeiros demandados pelo mercado de trabalho e a necessidade de formação, o tema apresentado ganha força por refletir o eixo da formação específica e pedagógica.

Palavras-chave: Identidade profissional. Formação específica e pedagógica. Professor enfermeiro.

1. INTRODUÇÃO

A inquietação despertada pelo exercício da prática docente foi o primeiro passo rumo à reflexão para a construção de um conhecimento científico no qual se pretende esclarecer a questão da identidade profissional do professor enfermeiro. Este estudo apresenta a fundamentação teórica de uma dissertação em desenvolvimento junto ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Planalto Catarinense.

A formação profissional de professor enfermeiro tem sido apontada por vários autores como Hall (2002), Ibusui (2004), Backes (1992) e Costa (2003), entre outros, como um dos fatores que levaria ao aperfeiçoamento na qualidade do ensino. De acordo com Rodrigues e Sobrinho (2007), a formação pedagógica do professor enfermeiro é considerada como uma prática secundária, deixando de ser reconhecida a relação entre ensino, aprendizagem e

assistência.

Conforme as Diretrizes Curriculares do Curso de Graduação em Enfermagem, a prática pedagógica do professor enfermeiro passa por um processo de mudança na formação de novos profissionais graduados em enfermagem capacitados para exercerem tais funções (PETTENGILL, 1998). As escolas de enfermagem já deram início a uma reflexão crítica sobre seu próprio trabalho mostrando sua preocupação com a qualidade do ensino que oferecem. Segundo Bordas (1996, *apud* PETTENGILL, 1998), significa repensar o ensino como um ato pedagógico, aquele que tem um sentido ético político, epistemológico, que possa ser utilizado tanto na sua prática profissional quanto nas relações pessoais.

Os enfermeiros encontram-se em contato direto com situações que exigem conhecimento sobre docência, assistência, promoção e educação em saúde. Questiona-se o fato do enfermeiro estar ou não preparado para exercer a profissão de professor, uma vez que sua formação acadêmica encontra-se mais voltada ao desempenho assistencial. O processo de formação e desenvolvimento profissional em saúde ancora-se num núcleo temático de saberes e práticas que advém da educação em ciências da saúde.

[...] surge com a reforma do ensino médico nos Estados Unidos da América no início do século XX. Essa reforma, pelo eficiente trabalho de Abraham Flexner em consolidar as opiniões vinculadas pelos estudos sob sua liderança, nos anos de 1910 e 1920, termina por sustentar que haveria um ideal científico de educação a ser perseguido pelas instituições de educação médica, e por extensão, por todo o ensino nas áreas identificadas com o estatuto de conhecimento científico profissional em saúde (MOROSINI, 2006, p. 74).

Para o autor a educação em ciências da saúde surge por volta do século XX com a reforma do ensino médico, onde se torna sólido as opiniões associadas a um processo de liderança, sustentando um ideal científico de educações inseridas nas instituições de educação médica, sendo estas identificadas pelo estatuto de conhecimento científico profissionalizante em saúde. O núcleo temático, acima referido, tem apresentado várias facetas e de acordo com o autor, no qual abrange vários subtemas e objetos de produção de conhecimento como:

[...] gestão da educação na saúde, formação docente, currículos e reformas curriculares, diretrizes curriculares nacionais, educação dos profissionais e inserção no mercado de trabalho, integração ensino-serviço, integração ensino atenção-gestão, participação popular, currículos integrados, metodologia de ensino e avaliação (MOROSINI, 2006, p. 75).

Nesta perspectiva a educação em saúde apresenta-se em quatro âmbitos: Ensino Superior em Saúde, Educação Profissional em Saúde, Educação em Saúde para Instituições e Movimentos Sociais e Educação Permanente em Saúde. Por meio da Educação Superior em Saúde é desenvolvido o ensino, pesquisa e extensão universitária, já a Educação Profissional desenvolve o ensino profissionalizante, atendendo a demanda de indivíduos que apresentam o ensino médio.

A “articulação entre as ciências e a prática docente se estabelece concretamente através da formação inicial ou contínua de professores” (TARDIF, 2002, p. 36-37). Neste sentido, o profissional docente deve ir à busca de aperfeiçoamento, unindo a prática educacional com a prática assistencial quando, de certa forma, o profissional melhor qualificado se apresenta de forma mais segura ao atuar na profissão de professor.

O enfermeiro no desempenho de suas funções vai além do simples cuidar de sinais e sintomas, mas caminha na direção de identificar problemas, assistir o cliente na sua corporeidade, avaliar a assistência prestada e garantir a eficácia do trabalho (HUF, 2002).

Além dessas atribuições “nos últimos tempos, observa-se que o enfermeiro vem buscando cada vez mais a docência, unindo seu conhecimento prático assistencial à sua carreira de professor” (BUDÓ, 2002, p. 54). Considerando o contingente cada vez maior de enfermeiros demandados pelo mercado de trabalho e a necessidade de formação, o tema aqui apresentado pode ser considerado como uma importante reflexão para os demais cursos.

Esta investigação visa também provocar, produzir novos questionamentos e saberes sobre a identidade profissional, desenhar novas perspectivas para a formação pedagógica do professor enfermeiro.

2. Desenvolvimento

Encontramos em Hall (2002), o termo professor enfermeiro do qual faremos uso para encaminhar cientificamente esta pesquisa, ampliando a compreensão sobre a identidade profissional, podendo ser vista como o resultado de um produto entre indivíduo e mundo social. Um mundo em constante mudança seja na forma cultural, econômico, político e tecnológica imprime transformações nesta identidade.

De acordo com Bauman (2005) a identidade é comparada a um jogo de quebra cabeças (um todo formado pela soma de pequenas partes), sempre está faltando peças fundamentais para chegar ao resultado final. Toda esta situação vivenciada por estes profissionais refletem diretamente na construção de sua identidade, e por isso a imagem do quebra-cabeça pode nos

ajudar nessa reflexão. É possível que o despreparo pedagógico do professor enfermeiro, limite sua forma de trabalhar adequadamente em sala de aula, resultando um embaralhamento de conceitos e posturas, que os faz buscar uma nova construção de educador.

Observa-se que os profissionais do curso de enfermagem vêm enfrentando uma dificuldade com relação à educação, lhes faltam o conhecimento prático de como trabalhar adequadamente na área, o que tem provocado angústia e insegurança (MOROSINI, 2006). Diante desta situação, os professores do curso de graduação em enfermagem buscam uma forma mais adequada que possa vir a contribuir e aprimorar seus conhecimentos frente à educação.

Segundo o Parecer CNE/CES 1.133, de 7 de agosto de 2001, peça indispensável do conjunto das presentes Diretrizes Curriculares Nacionais, homologado pelo Senhor Ministro da Educação, em 1º de outubro de 2001, encontramos o seguinte destaque:

Art. 2º - As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de Graduação em Enfermagem definem os princípios, fundamentos, condições e procedimentos da formação de enfermeiros, estabelecidas pela Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, para aplicação em âmbito nacional na organização, desenvolvimento e avaliação dos projetos pedagógicos dos Cursos de Graduação em Enfermagem das Instituições do Sistema de Ensino Superior.

Por esse parecer o enfermeiro com Licenciatura em Enfermagem está apto para atuar na Educação Básica e na Educação Profissional em Enfermagem. Após o Parecer de 2001, muitas reformulações ocorreram, fazendo com que os alunos que ingressaram na graduação em enfermagem em 2001 fossem habilitados ao exercício da licenciatura em enfermagem.

Em Assembléia Geral realizada no mês de maio de 2006, a Escola de Enfermagem decide o não oferecimento da Licenciatura e encaminhando documento a PROGRAD, solicita a sua exclusão da grade curricular, reconhecendo a importância da formação pedagógica na atuação do enfermeiro, viabilizando o Curso de Bacharelado em Enfermagem com Formação Complementar na área de Educação e a possibilidade de criação de um Curso de Especialização na área referida (BELO HORIZONTE, 2006).

Entretanto, em maio de 2006 a comunidade acadêmica da Escola de Enfermagem solicitou por meio de documento a exclusão desse exercício.

Com essa exclusão os novos ingressos deveriam buscar esse aprimoramento nos cursos de especialização, o que dificultaria a formação pedagógica.

Atualmente o ensino da graduação em Enfermagem tem sido conduzido por meio de Diretrizes Curriculares Nacionais que propiciam uma formação mais contemporânea e dinâmica, voltada para o ensino, pesquisa e extensão. Sobretudo, forma enfermeiros generalistas críticos e aptos a exercerem suas funções no âmbito do cuidado, promovendo a saúde do cidadão, família e comunidade (BACKES, 1992).

A falta de formação e o conhecimento de que a docência não é apenas um ato de ministrar aulas, e de acordo com Libâneo (2000) o desafio imposto aos professores enfermeiros por estarem atuando no processo de ensino aprendizagem, se de um lado sobra ao profissional enfermeiro conhecimento técnico em saúde, por outro, lhe falta conhecimento para o exercício da docência no ensino superior.

Considerando que é na prática da pesquisa que se ganha autonomia e criticidade, que se amplia a “consciência sobre sua própria prática, a da sala de aula e a da escola como um todo, o que pressupõe os conhecimentos teóricos e críticas sobre a realidade” (VASCONCELOS, 2005, p. 63), que nos dedicamos à construção desse conhecimento destacando ainda que a prática exercida na escola necessita de um saber teórico e da própria realidade assistida.

A dicotomia entre ensino e pesquisa pode levar a uma ruptura entre ser professor e ser pesquisador, fragmentando a identidade profissional dos docentes, impedindo, ainda, que se conscientizem de que são responsáveis pela preparação de futuros profissionais. Não se trata, contudo, de optar por uma função em detrimento de outra, mas, sim, de integrá-la nas práticas pedagógicas universitárias (MOROSINI, 2003, p. 244).

O autor adverte que o ensino e pesquisa são práticas articuladas, que podem levar a uma divisão entre o pesquisador e o professor, podendo comprometer a identidade profissional, fazendo com que esqueçam que são formadores de futuros profissionais, por interesses particulares e gosto em encarar o desafio no ensino aprendizagem. Muitas vezes o enfermeiro abraça a docência mais pela necessidade de aumentar seus ganhos visando a subsistência.

Todavia estes profissionais durante o transcorrer da carreira universitária voltam-se à docência e esta acaba se tornando o centro de suas vidas. De qualquer forma, dedicação e comprometimento são pilares para o exercício de qualquer profissão, a docência nas universidades e faculdades isoladas precisam ser encarada de uma forma não amadoristicamente (MASSETTO, 1998).

Com o mundo em processo de globalização acaba modificando o indivíduo como um todo, bem como as condições de trabalho, e inclusive as próprias identidades sociais. Para

Hall (2002, p. 7), existe uma crise de identidade, esta “é vista como parte de um processo mais amplo de mudanças, que esta deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referências que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social”.

Conforme Silva (2003, p. 96-97) a identidade “é instável, contraditória, fragmentada, inconsciente, inacabada [...]” Para que isto aconteça devemos estar buscando atualizações, devido à constante transformação que se apresenta a identidade profissional.

Por estar o professor em contato direto com indivíduos, num processo contínuo, acaba construindo e reconstruindo a sua própria identidade, no qual este processo tem início no decorrer de sua formação.

[...] podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsciente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder (SILVA, 2003, p. 96-97).

Por outro lado, o mundo em processo de globalização modifica o indivíduo como um todo, bem como as condições de trabalho, e inclusive as próprias identidades sociais. Para Hall (2002, p. 7) existe uma crise de identidade “(...) que está deslocando as estruturas, processos centrais das sociedades modernas, abalando os quadros de referências que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social”.

Questiona Almeida (2003, *apud* IBISIU, 2004, p. 52): “quem é esse profissional que ousa aceitar o desafio de auxiliar o homem a se construir e a se constituir como homem? Quem é esse profissional que aceita enfrentar tão grande desafio?” E ela responde:

[...] é o mestre, o educador que demonstra como essa opção, um ato de suprema coragem... Coragem de descobrir o novo, não se intimidando com os obstáculos, não se acovardando com os limites impostos [...]. Coragem de renunciar ao estabelecimento, de renunciar as certezas e, fundamentalmente coragem de se deixar desconstruir a cada instante para se reconstruir, em conjunto com seus discípulos, possibilitando assim, o surgimento do novo em todos, sempre. Esse é o ser docente (*ibid*, p. 52).

Portanto o professor enfermeiro frente a este desafio, tenta formular uma ação educativa, o que leva muitas vezes a inquietação, incômodo e até mesmo autoquestionamento,

devido à falta de preparo adequado ao processo ensino aprendizagem. Desta forma, devemos saber agir nestas situações desafiadoras, e sobretudo, saber crescer com as diferenças. Todos estes valores nos levam a uma preocupação, onde nos questiona sobre nossa forma de inserção no processo pedagógico, sem sequer o conhecimento necessário do que realmente é o ensino.

De acordo com Tardif (2002) relata que o professor é alguém que deve ter conhecimento de sua matéria, sua disciplina, seu programa e possuir conhecimentos relativos a ciência da educação, a pedagogia, desenvolver seu saber embasado na sua experiência vivenciada e cotidiana com seus alunos. Os enfermeiros não tiveram oportunidades ou motivação para receber uma formação pedagógica adequada na inserção da docência, portanto, desconhece a sua total importância.

[...] O atual modelo de educação profissional supõe ruptura entre o acadêmico, desvalorizando por não ser prático, e o tecnológico, não reconhecendo o caráter transdisciplinar da ciência contemporânea. Reforça a ideia de duas redes, para acadêmicos e para trabalhadores. Coloca a educação profissional como alternativa a educação básica, talvez, como forma de não enfrentamento do trabalho escolar decorrente da baixa qualidade do ensino e das precárias condições de trabalho do professor (COSTA, 2003, *apud* IBISUI, 2004, p. 72).

Segundo dados do Ministério da Saúde (SILVA, 2003), a enfermagem representa o maior grupo de prestadores de cuidado de saúde no Brasil, participa de um trabalho coletivo de uma área contingente de um milhão de trabalhadores, totalizando dois milhões e duzentos mil empregados. Estes dados remete a realidade que se refere ao sistema de produção de serviço, merecendo uma atenção especial. A enfermagem como prática assistencial e social é fundamental para a sociedade brasileira, que não possui um contingente suficiente de profissionais capaz de suprir a demanda, a sobrecarga que pode comprometer a qualidade tanto dos serviços prestados à comunidade como na formação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão bibliográfica apresentada fortalece um estudo em desenvolvimento que tem como objetivo compreender a construção da identidade profissional do professor enfermeiro.

Como professora e enfermeira profissional sinto-me instigada a contribuir com a discussão sobre a formação pedagógica daqueles que conjugam as profissões de professor e

enfermeiro, que acabam construindo uma identidade profissional complexa apresentando possibilidades e limites à formação de outros profissionais.

O professor é aquele que expressa a sua verdade em público. Constrói seus conhecimentos como forma fragmentada de ensinamento de seus saberes. Como toda e qualquer profissão, esta em especial tem se apresentado em fase de construção. Com o início da modernidade surge novas identidades profissionais, que acaba esquecendo as antigas, onde Hall (2002) aponta que esta se apresenta em declínio, no que resulta numa fragmentação de novas identidades utilizadas pelo indivíduo moderno.

Conforme Horta (1979), a enfermagem é ao mesmo tempo uma ciência e uma arte. Visa atender o ser humano em suas necessidades básicas afetadas, por meio do cuidado e da promoção, proteção e recuperação da saúde juntamente com a equipe multidisciplinar. Sua maior atribuição é realizar atividades voltadas ao ser humano no momento em que ele necessita.

Desta forma, apresenta-se como uma profissão que pode ser compreendida / entendida em toda a situação em que o ser humano sente necessidade de ajudar e tem o firme propósito de cuidar.

REFERÊNCIAS

BELO HORIZONTE. Projeto pedagógico do curso de graduação em enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais: UFMG, 2006.

BRASIL. Resolução CNE/CES nº 1133, de 01 de outubro de 2001. Diário Oficial da União, Brasília, 3 out. 2001. Seção 1E, p. 131.

BACKES, V. M. S. **As políticas oficiais de saúde e o ensino de enfermagem**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 1992. [Dissertação de Mestrado].

BAUMAN, Z. **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BORDAS, M.C. Apresentação. In: PETTENGILL, M. A. M. et al. O professor de enfermagem frente às tendências pedagógicas. Uma breve reflexão. **Rev. Esc. Enf. USP**, v. 32, n.1, p.16-26, abr. 1998.

BUDÓ, M. L. D. **A prática de cuidados em comunidades rurais e o preparo da enfermagem**. f. 193. Florianópolis, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

COSTA, F. N. A. Visitando a prática pedagógica do enfermeiro professor. São Carlos: Ruma, 2003. In: IBISUI, Cássia Tiêmi Nagasawa. **A identidade profissional do enfermeiro**

professor do ensino técnico de enfermagem. Ribeirão Preto, 2004. [Dissertação de Mestrado].

HORTA, W. A. **Processo de enfermagem.** São Paulo: EPU, 1979.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HUF, D. D. **A face oculta do cuidar:** reflexões sobre a assistência espiritual em enfermagem. Rio de Janeiro: Mondrian, 2002.

IBISUI, Cássia Tiêmi Nagasawa. **A identidade profissional do enfermeiro professor do ensino técnico de enfermagem.** Ribeirão Preto, 2004. [Dissertação de Mestrado].

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2000.

MASSETTO, M. **Docência na universidade.** São Paulo: Papirus. 1998.

MOROSINI, Marília Costa et. al. (org.) **Enciclopédia de pedagogia universitária.** Porto Alegre: FAPERGRS/RIES, 2003; 2006.

PETTENGILL, M. A. M. et al. O professor de enfermagem frente às tendências pedagógicas. Uma breve reflexão. **Rev. Esc. Enf. USP**, v. 32, n.1, p.16-26, abr. 1998.

RODRIGUES, Malvina Thaís Pacheco; SOBRINHO, José Augusto de Carvalho. Enfermeiro professor: um diálogo com a formação pedagógica. **Rev. Bras. Enferm.** 60(4):456-9, 2007.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis: Vozes, 2002.

VASCONCELOS, Maria Lucia. Docência e autoridade no ensino superior: uma introdução ao debate. In: VASCONCELOS, Maria Lucia. **Ensinar e aprender no ensino superior.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 2005.